

Análise semiótica da Revista Bravo edição de Janeiro de 2013.

ARIEL PEDONE
ORIENTADOR GILMAR HERMES

UFPEl – ariel_pedone@hotmail.com

UFPEl – ghermes@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a aplicabilidade da teoria dos signos no jornalismo de revista e no jornalismo cultural, através da análise semiótica de uma das edições da revista *Bravo*. Formada por contrastes, essa revista, não suportou os apelos da “indústria cultural” e o fenômeno da convergência, encerrando sua circulação em agosto de 2013.

O principal objeto de análise escolhido foi a reportagem de janeiro de 2013, na qual a *Bravo* traz um grande nome da arte modernista e que atravessou o tempo, o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012). Nesse contexto, a matéria, sobre a curadoria de uma jornalista, Cristina Dantas, selecionou sete arquitetos de renome responsáveis por homenagear Niemeyer com desenhos de traços fortes e simples que ilustram as grandes obras do arquiteto.

Os conceitos de semiótica de Charles Sanders Peirce foram trazidos para que se tornasse viável a análise e o desenvolvimento desse trabalho, tendo em vista as importantes contribuições que Peirce deixou para a comunicação. Algumas noções foram abordadas no livro *Teorias Semióticas em uma Perspectiva Estética*, em que o professor Gilmar Hermes (2013) propicia um conjunto de ferramentas teórico semióticas iniciais, trazendo para essa análise noções básicas dos conceitos semióticos peircianos em função do signo, objeto e interpretante, também abordados e trabalhados por Lucia Santaella (2003).

Por se tratar de uma revista que se denomina “cultural”, tornou-se importante verificar os princípios que conjecturam o jornalismo de revista abordado por Marília Scalzo (2003) e o jornalismo cultural identificado pelo jornalista Daniel Piza (2003). Também viu-se a necessidade de conhecer mais a fundo a história de Oscar Niemeyer, por isso, uso de referências de documentários e biografias do autor melhorou a análise dos critérios adotados pelo crítico de arquitetura Guilherme Wisnik, responsável por escrever a matéria sobre a trajetória centenária e o legado de Niemeyer.

A problemática desse trabalho traz as dificuldades de se analisar desenhos que, para um leitor fora do contexto arquitetônico, à primeira vista, pode trazer estranheza. Há também a controvérsia de se escolher um crítico de arquitetura como responsável em pesquisar e escrever um texto contando a trajetória de Niemeyer, enquanto a jornalista foi designada à curadoria dos desenhos que fazem parte da edição. Quais as vantagens e desvantagens dessas escolhas?

Segundo Peirce, “[...] todo conceito de pensamento, para além da percepção imediata, é um signo”. (PEIRCE, 1998, p. 402). Este, representa algo para alguém e cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, talvez um signo mais desenvolvido com a função de representar um “objeto” (PEIRCE, 2000, p. 46). Dada a definição, pode-se tratar a revista *Bravo* como uma entidade sónica e, por isso, capaz de produzir diversos signos que podem produzir outros signos, dependendo do objeto de suas reportagens, o chamado “objeto dinâmico”.

O objeto dinâmico, segundo Hermes, “só pode ser visto através de um signo [...] e tem o seu tempo e o seu espaço, sempre sujeito a gerar novas semioses” (HERMES, 2013, p. 35) e é importante para a atividade jornalística (produzir narrativas vinculadas ao que se entende como mundo real). Nesse contexto pode-se dizer que o objeto dinâmico da reportagem, após a análise da mesma, torna-se a importância da arquitetura de Oscar Niemeyer para a consolidação de um novo estilo arquitetônico, ao ponto em que os textos e os desenhos servem como signos que procuram se referenciar ao máximo ao objeto. Mesmo sabendo que o signo “Oscar Niemeyer”, dependendo do contexto, pode gerar muitos outros signos.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi desenvolvido principalmente através de debates entre aluno e orientador, o que gerou questionamentos e proporcionou estudos que produziram um resultado satisfatório. Após isso as pesquisas foram cruciais, principalmente na área da semiótica, a teoria que constitui o método. Buscou-se também conhecer a história e a estrutura da revista *Bravo*, assim como suas propostas, traçando um parâmetro para o desenvolvimento da reportagem/ objeto de análise.

Compreender a vida e obra de Oscar Niemeyer através de documentários e bibliografias proporcionou uma melhor contextualização e análise da abordagem e escolhas tomadas para o texto e a curadoria das imagens. Buscou-se pelo aprofundamento do jornalismo de revista e cultural, situando a *Bravo* no meio jornalístico.

Por fim, foram somados os conhecimentos semióticos ao debate, acrescentando pesquisas sobre a revista *Bravo* e Oscar Niemeyer. Nesse contexto, foram aplicados os conceitos semióticos e aplicações do jornalismo de revista e cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta breve análise, a revista *Bravo* mostrou possuir todas as características que Marília Scalzo cita serem necessárias para construção de uma “boa revista”. Assim sendo, dentro de sua especialização, formato físico e periodicidade, a revista possuía excelência na escolha de capa, fotografia, infografia e design, mostrando assim que o critério principal para o seu fim foi o caráter econômico de não se adaptar às leis de mercado.

Por outro lado, contrariando Scalzo, que acredita que “design de revista não é arte”, a revista *Bravo* pode ser identificada como arte, visto que se apoia nas normas debatidas por Jorge Coli, enxergando a revista como uma galeria ou espaço de exposição de diferentes tipos de arte. Nesse contexto, a presença de críticos de arte reforça essa definição, pelo menos é o que acredita Daniel Piza - “a crítica cultural em si mesma é uma forma de arte, autônoma em relação às outras artes” (PIZA, 2004, p. 21)

Trazendo para o contexto específico da reportagem sobre as obras e vida de Oscar Niemeyer, pode-se perceber, associando os conhecimentos semióticos, os diferentes tipos de signo que se entrelaçam e os fenômenos que os classificam até que se forme o todo da reportagem. Nesse processo, foi preciso considerar separadamente os elementos visuais gráficos e o texto da matéria, pois ambos têm a capacidade de produzir diferentes tipos de sentido.

Assim sendo, pode-se identificar o texto como um sin-signo, isto é, um signo que se refere a um objeto de arte em particular, no caso as obras de Niemeyer. Já os desenhos feitos pelos arquitetos são identificados como ícones pois

O objeto do ícone [...] é sempre uma simples possibilidade, isto é, possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar nosso sentido. Daí que, quanto mais alguma coisa a nós se apresenta na proeminência de seu caráter qualitativo, mais ela tenderá a esgarçar e roçar nossos sentidos [...] Ora, aquelas formas, de fato, não representam essas imagens. Podem, quando muito, sugerir-las. É por isso que o interpretante que o ícone está apto a produzir é, também ele, uma mera possibilidade (qualidade de impressão) ou, no máximo, no nível do raciocínio, um rema, isto é, uma conjectura ou hipótese. (SANTAELLA, 2003, p.14)

E esse caráter se reforça ainda mais no momento em que identificamos que a ideia dos desenhos é demonstrar as experiências e sentimentos dos arquitetos ao se depararem com as mais famosas obras de Oscar Niemeyer. Partindo do conceito de que:

“Desenho” é uma palavra que define um meio de expressão, podendo ser concebido com finalidade própria e autorreferente. Na atividade arquitetônica, contudo, privilegia-se no desenho a função de representar um projeto idealizado, para orientar a construção de uma obra física. Por meio do desenho, a obra representada manifesta suas diferentes formas, seguindo a visão espacial do arquiteto, que configura seu projeto no limite entre o mundo real e o mundo imaginário (LIZÁRRAGA; PASSOS, 2007, p. 72).

Mas não se detendo apenas no caráter de sin-signo e icônico, é preciso entender que existe uma produção infinita de sentido e signos dentro de um mesmo objeto. Ao se referir ao arquiteto Niemeyer podemos relacionar o nome como um signo, sua história com outro, suas obras, seu discurso e sua posição ideológica como outros signos e assim por diante. O papel da revista *Bravo* foi escolher entre alguns desses.

4. CONCLUSÕES

O jornalista principalmente o da editoria de cultura precisa estar atento à produção de sentido tanto de seu texto quanto na escolha da apresentação gráfica na matéria. Mas ainda que o mesmo pressuponha poder gerar um determinado efeito no público, não poderá se deter no mesmo pois cada qual pode produzir determinado sentido baseando-se em suas experiências, visão, ideologia, crença, valores e demais fatores psicológicos..

Ao se falar de obras arquitetônicas é preciso entender que as mesmas produzem e demonstram uma linguagem capaz de caracterizar a cultura de um povo, situando o indivíduo no tempo histórico, espaço geográfico e a finalidade para que foram construídas participando do desenvolvimento das comunidades e sociedades humanas. São modelos de expressão e linguagem particulares, que representam diferentes grupos profissionais e sociais. Assim, a arquitetura apresenta uma maneira própria de representação e de expressão, que pode ser vivida e interpretada de diferentes formas pelas pessoas diante das obras.

Portando o jornalismo cultural quando não sufocado pelos anseios mercadológicos pode se tornar uma das áreas mais profícuas do jornalismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLI, J. **O que é Arte**. 15ª edição. , São Paulo: Brasiliense, 1995.

GOMES, P. C.; PIZARRO, M. V.; BORGES, J. C. F.. Análise semiótica peirceana de conteúdos de ciências em folder fornecido por uma instituição informal de ensino – Centro de Educação Ambiental Rio Batalha, Bauru – SP. **Enpec**, Florianópolis, v.7, n.1, p.1-12, 2000.

HERMES, G. **Teorias semióticas em uma perspectiva estética**, Curitiba: CRV, 2013.

LIZÁRRAGA, A.; PASSOS, M. J. S. T. **Havia uma linha esperando por mim: conversas com Lizárraga**. In: DERDYK, E. (Org.). Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Senac, 2007, p. 65-79.

MATOS, L. M.; SOUZA, R. P. L.; AFONSO, S.; GOMES, L. S. R.. Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica. **Ark.urb**, São Paulo, v.0, n.4, p.116-140, 2010.

PEIRCE, C. S., **Semiótica**, 3ª edição, editora Perspectiva, 2003.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**, 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2004.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**, São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTAELLA, L., **Semiótica aplicada**, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

WISNIK, Guilherme; DANTAS, Cristina. Entre a Dolce Vita e a Esquerda. **Bravo**: música, cinema, literatura, artes visuais, teatro, dança. São Paulo: Abril, ano 15, n 185, jan. 2013, p. 62-69.